“Eu me cuido, mona[1]” – saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem

Larissa Pelúcio*

As pesquisadoras argentinas Victória Barreda, Virginia Isnardi e Graziela Aracón escolheram o refrão de uma música do grupo portenho *Divididos* para abrir um dos muitos textos que já publicaram sobre aids, prevenção e travestilidade[2]. Já nas primeiras linhas do referido textos elas observam que não há “nada mais próximo a esta estrofe que o encontro entre travestis e as equipes de saúde: Que vês, quando me vês?”. Eu diria que esta é uma pergunta que as travestis podem dirigir a maior parte das pessoas sem obterem uma resposta que se aproxime da densidade dessa experiência ou que traga alguma verdade que faça com que elas se reconheçam nesse olhares interrogativos, muitas vezes fascinados e quase sempre condenatórios. É como se não fosse legitimo viver uma vida travesti.

Afinal, quem são as travestis? Para responder essa pergunta é preciso seguir por muitas trilhas, perseguir códigos-territórios, fixar-se nesses corpos que não cansam de ser nômades. Com a autoridade de quem desde os dez anos sabe-se “viado”, Melina diz que “travesti tem que ter alguma coisa de mulher, senão não é travesti. Tem que por silicone, seio”. É assim também que Moema, uma das informantes de Hélio Silva, define essa condição, dando ênfase à ingestão de hormônio feminino para que a travesti seja o que ela é. Nas falas colhidas por Marcos Benedetti, o hormônio aparece como fundamental para a construção da travestilidade, pois é essa substância que, ao misturar-se ao sangue, instaura “uma nova condição no corpo: a condição de travesti”.

---

* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Texto originalmente apresentado no Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania GLBTTT (mesa Tavestilidades e Transexualidades), em Florianópolis, em setembro de 2007, pelo Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS).

[1] Entre as travestis com as quais convivi o termo “*mona*”, derivado do *ioruba-nagô*, é largamente usado nas interlocuções com outra travesti, e significa “menina”. Em minha tese de doutorado (*Nos Nervos, Na Carne, Na Pele – uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*) procuro desenvolver a discussão sobre os significados da doença e do sofrimento entre as travestis que compõem o universo da pesquisa. A recorrência do bordão “todas têm” contrasta com o silêncio em torno da sua própria condição de saúde, sintetizado na afirmação categórica do *“eu me cuido, mona!”*, que procura marcar um compromisso permanente com a transformação e manutenção de um corpo feminino e forte ao mesmo tempo.

[2] Opto pelo uso do conceito de travestilidade por considerar que ele alarga aspectos de categorização identitária do termo “travesti”, que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades de se viver esta condição. A travestilidade aponta para a multiplicidade dessa experiência, ligada à construção e desconstrução dos corpos.

"Quando falo em travesti, a sensação de simplificar um universo tão diverso me incomoda", escreve Suzana Lopes, acentuando a pluralidade da travestilidade. Desde o primeiro contato com o texto de Lopes a frase acima me impressionou, mas foi em campo que adquiriu um significado concreto. Em minha pesquisa conheci travestis que não tomavam hormônios ou tinham silicone no corpo, mas que se auto-reconheciam como travestis, usavam nome feminino, mantinham intensa sociabilidade no meio, adotando termos do bajubá (a linguagem tributária do ioruba-nagô usada pelas travestis), ainda que negligenciassem certos valores estéticos que, como se verá, são também valores morais, o que vale é que elas se reconheciam como travestis. Convivi também com pessoas que se identificavam como transexuais, mas viviam, segundo elas mesmas, como travestis, pois se prostituíam e usavam sexualmente o pênis [isto é, nos programas que realizavam] . Assim como estive com travestis que em algum momento da vida desejaram tirar o pênis e outras que jamais tinham pensado naquilo, mas que começavam a estudar essa possibilidade mais recentemente.

A travestilidade, portanto, pode ser vista como o processo de construção de um certo feminino, muitas vezes glamourizado, braquealizado[3], ligado historicamente à noite e às artes cênicas, mas que veio se constituindo como "fruto histórico do asfalto e das grandes aglomerações urbanas", como escreveu poeticamente Hélio Silva (1993: 39). Essa relação com a vida urbana remota a trajetória de tantos homens efeminados que buscaram no anonimato das cidades um espaço para tornar suas vidas mais habitáveis[4].

Eu gosto muito da analogia que Marcos Benedetti faz ao falar seus sentimentos nas primeiras incursões a campo. Ele conta do medo que sentiu quando chegou à área de prostituição travesti, em Porto Alegre, e o táxi se foi. Medo de não ser aceito, medo de ser mal-interpretado, medo de estar atrapalhando, medo de se roubado, medo dos mitos da noite... E qual é a analogia? Ele viu depois o quanto tinha sido importante conviver com o medo, pois ele percebeu no convívio com as travestis que este é um sentimento que atravessa as suas vidas. Isso o ajudou a entender melhor o que é viver marcado por esse

[3] Quando Liza Lawer, Sabrina Sheldon, Fernanda Galisteu escolhem seus nomes e sobrenomes, não o fazem de maneira casual, mas a partir de um referencial no qual raça, classe e gênero se encontram e se combinam. Mulheres glamourosas, sexualizadas, ricas, brancas e loiras orientam essa escolha sintetizada nos nomes.

[4] Em seu texto ***Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay*** (2007), Richard Miskolci lista alguns estudos que se dedicaram à questão da migração de gays e lésbicas para longe de suas pequenas cidades, no intuito não só de escapar da violência em seus vilarejos, como também para poderem viver mais livremente sua sexualidade.

sentimento. Um medo que vem de outra marca: a do estigma. O estigma classicamente é uma marca corporal que serve para identificar aqueles que são socialmente recusados (Goffman. 1988: 11). Numa sociedade em que a heterossexualidade é tida como natural e o corpo visto como um atributo meramente biológico e não cultural, as travestis são sistematicamente apontadas como sendo perigosas e poluidoras, o que se acentuou após o advento da aids.

Por mais plural que possa ser a construção da travestilidade, o corpo é o lócus privilegiado dessa vivência que tem na rua e na prostituição seu primeiro espaço de referências e possibilidades. Mas é na casa/pensão que se aprende a ser travesti e se vive a transformação. As "casas" são administradas por cafetinas, que podem ser também "*mães*" e são, quase sempre, cuidadoras. A cafetina ocupa um papel organizador e ramificado na rede da travestilidade. Atua na rua, na casa e nos corpos. É exatamente nesta ordem que gostaria de desenvolver esse texto. Então, convido vocês a fazerem esse percurso que se inicia na rua, de lá para a casa/pensão das cafetinas até chegar ao corpo.

CORPOS, CÓDIGOS E LUGARES

A rua/pista/avenida/esquina são termos adotados pelas travestis para falarem dos territórios de prostituição. Como categoria espacial e simbólica – ligada à noite, à boemia, aos prazeres e ao mercado do sexo –, a rua seduz. A avenida pode ser muitas vezes o único lugar onde a travesti se sinta bonita e desejada. Além de ser um ambiente para se encontrar homens que não se identificam com o universo gay, os chamados "homens de verdade. É na esquina que as travestis têm pela primeira vez a sensação de pertencer a algum lugar. Um lugar que começa no corpo de uma outra travesti. A rua pode se apresentar como um ambiente de acolhimento quando meninos efeminados são violentados e colocados para fora dos espaços domésticos. Mas não é simples ficar na rua. Há toda uma demarcação de territórios dentro do mercado do sexo, essa divisão se relaciona com o capital corporal de quem divide os espaços, e marca identidades que são classificadas por categorias êmicas. Estas categorias têm uma estreita relação com a prevenção, assim como com códigos-territórios. A territorialidade não se limita a um espaço físico mas, sobretudo, ao espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido

muito menos descritivo (o que é feito lá) do que prescritivo (o que pode ser feito lá), como escreve Marco Aurélio Silva (2006).

Além de criar perspectivas amorosas, ser uma top, uma européia ou um travecão implica em questões ligadas à saúde e à prevenção ao HIV/Aids.

Vamos pensar na região central de São Paulo, onde desenvolvi minha pesquisa. Ali travestis bastante transformadas ficam na esquina das ruas Major Sertório com Rego Freitas. Lá, afirma um de meus informantes, "ficam as mais bonitas, as mais transformadas". Não é raro que se encontre naquela esquina travestis **"tops",** aquelas que atuam em filmes pornôs, que fazem ou fizeram ensaios fotográficos para sites ou revistas especializadas e/ou são bastante comentadas por meio dos fóruns e blogs da Internet. Muitas **"européias"** também estão por ali. Estas são travestis que já tiveram sua experiência com a prostituição internacional e que, via de regra, amealharam algum dinheiro construindo não só um patrimônio materializado em carros e/ou apartamentos, como também investiram largamente na construção de um corpo feminino. Na região central, as divas e as **"ninfetas"** costumam ficar em frente ao Hotel Grant´s, na rua Major Sertório. As "**veteranas"** são travestis mais velhas, estão por todas as partes do mercado do sexo, mas podem optar por lugares menos concorridos a fim de terem noites mais lucrativas. Estas mais velhas podem ser o que se chama de **travecão**: o exagero é a marca desse "corpo Paris".

A demarcação espacial é também moral e passa por jogos de poder pelos quais se determina quem pode ficar onde e os significados dessa fixação. Fixação que não pode ser confundida com imobilização/sedentarização, mas com aceitação e compartilhamentos de códigos que circulam e informam, mas que são fluidos. Não só porque a transformação é uma marca da travestilidade, fazendo do *gayzinho* de hoje a *bela* de amanhã que, por sua vez, pode ser simultaneamente a *bandida* e a *européia*; mas também pela reconfiguração permanente dos espaços, provocada pela dinâmica das relações entre poder público e espaço urbano. Essa dinâmica das redes, territorialidades e identidades começa a ser percebida por agentes dos programas preventivos para DST/aids, bem como pelas ONGs. Eles mapeiam e reconhecem nos espaços os corpos, articulando o discurso guiado por esses referenciais. Na prática, o trabalho de prevenção à aids tem se efetivado a partir da

composição de redes, com fios que se entrelaçam nas ruas, boates, *drive-ins*, cinemas pornôs, saunas, casas de massagem, entre outros espaços da indústria do sexo.

Noite e rua se confundem para formar uma parte significativa do universo trans. É na rua/pista/avenida que muitas vezes as travestis que se prostituem arrumam "maridos". O "marido" é também um elemento de proteção e de respeitabilidade entre elas. Confere-lhe um sentido de normalidade, legitimando sua feminilidade e permitindo muitas vezes que elas possam ampliar as fronteiras das margens participando da vida social e familiar desses homens e transitando com mais segurança por locais públicos. "Ser travesti" está estreitamente ligado à relação que elas mantêm com os homens, sejam eles namorados/maridos ou clientes. É aqui que a gramática dos gêneros se acentua e possibilita que se reflita sobre os aspectos relacionais da construção da travestilidade, bem como nos informa sobre práticas preventivas.

O MASCULINO NO UNIVERSO TRAVESTI

Dentro das demarcações de gênero e práticas sexuais estabelecidas pelas travestis há um *continuum* que vai do bofe, o homem de verdade, ao viado. Os clientes recobrem todo espectro. O cliente pode ser **o "varejão**", o **"penoso",** o **"truque"**, o **"fino",** predicados que se referem à juventude, beleza, posses materiais, a forma como esse homem aborda as travestis no momento da negociação do programa, enfim, por códigos outros que não estão referidos diretamente à sexualidade. A partir dessas tipologias as travestis podem orientar maneiras de interação com seus clientes, o que as ajuda a se protegerem e, mesmo, eleger um parceiro.

Independente dessas classificações a figura clássica do masculino é a maricona. A maricona é geralmente um cliente, quase sempre mais velho, por vezes bem apessoado, isto é, fino, mas que na hora das práticas sexuais adota posições tidas como feminilizantes. São por isso, alvo de escárnio e desprezo por parte das travestis.

Nas margens dessas relações, situa-se um tipo que elas classificam de "vício". Como elemento das bordas, não fixável, ele é perigoso e assim, poluidor. O vício também pode ser visto como "homem de verdade", mas, ao contrário do marido, o seu lugar não é a casa. Tampouco é como o cliente. Seu perigo está justamente em não se associar à cadeia conhecido/doméstico/seguro.

Há no comércio sexual, em geral, claras demarcações das práticas sexuais: o que se pode fazer na rua, com clientes, e o que não se deve fazer, em contraste com aquelas que são reservadas aos *maridos*. Ao marido é comum que estejam interditas práticas que "masculinizem" a travesti e, por oposição, os feminilize: ver o pênis dela, tocar nele, procurar carícias anais, são as mais citadas. No âmbito doméstico, teoricamente resguardado do desordenamento externo, a relação sexual se daria a partir de um repertório restrito, no qual caberia ao feminino/travesti o papel de passividade e ao masculino/marido o de atividade no sexo. Os papéis assim ordenados geram segurança e confiabilidade. Nesse espaço, asseguram-me muitas travestis, o preservativo não cabe, pois seu uso atribuiria ao "seu homem" o mesmo status dos "homens da rua". Demarcação que pode ser tão fluida e intercambiável como a própria separação entre rua e casa.

Passemos então da rua para a casa, adentrando no espaço doméstico.

CORPOS "ESTRANHOS" EM ESPAÇOS INVISÍVEIS

O espaço da casa/pensão se coloca em oposição à casa paterna muito mais do quem em contraste com a rua. As "casas" são administradas por cafetinas, que podem ser também "mães" e ou "madrinhas". "*Amadrinhar*" geralmente se refere a proteger e ensinar a viver como travesti, cabendo à categoria de *mãe* a iniciação propriamente dita. A noção de "*mãe*" entre as travestis está ligada, portanto, ao processo de transformação. Muitas travestis saem de casa ainda "*gayzinhos*", classificação êmica que indica que ela já assumiu a orientação sexual para familiares e para "a sociedade" (como dizem, ou seja, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se veste com roupas femininas ou ingere hormônios. Às vezes, na casa dos pais, as travestis já se "*montam*" [5].

[5] As travestis costumam dividir o processo de transformação em algumas etapas: a primeira delas é quando ainda se é "gayzinho" (classificação do grupo), ou seja, já se assumiu para familiares e para "a sociedade" (como elas dizem, ou seja, um conjunto mais abrangente de pessoas) sua orientação sexual, mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios. Segue-se, então, (2) a fase do "montar-se", o que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiar-se de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios e as pálpebras dos olhos, além da boca. Vestir-se com roupas femininas ainda é, nessa etapa, algo ocasional, restritos a momentos de lazer ou noturnos, de tom furtivo. O terceiro momento é o da (3) "transformação". Esta é uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais freqüentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis; e finalmente, a quarta etapa, quando já se é (4) travesti. Pois além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pois se pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e, no mínimo, já se planeja injetar silicone nos quadris.

A transformação de fato só ocorre, na maioria das vezes, fora do ambiente familiar. E aí entra o papel da travesti mais velha ou mais experiente, que vê "naquela *bichinha*" o potencial para se tornar travesti. Como no caso de Larissa e Natasha, travestis paulistanas que atuam na avenida São Miguel, zona Leste da cidade. Larissa conta que foi ela quem iniciou Natasha, quando esta tinha 16 anos. Portanto é sua *mãe*.

> *Ela era viadinho, e ficava só no vício*[6] *ali na avenida. Eu disse pra ela, que ela sempre teve essa cara de racha*[7]*: 'Bicha, tu tem que ser travesti! Vai ganhar muito aqüé!'* [dinheiro]. *E ela começou.* (diário de campo, 01/04/2005)

À mãe ou madrinha cabe ensinar à sua filha as técnicas corporais, a potencializar atributos físicos para que ela se torne cada vez mais feminina. Ela ensina a tomar hormônios, sugere que partes do corpo a novata deve bombar e quantos litros pôr. Indica a bombadeira, travestis que injetam silicone líquido a fim de fazer o "corpo" de outra travesti, instrui quanto aos clientes e sobre as regras do pedaço. Apesar disso, a casa da cafetina é um espaço cheio de regras e obrigações. É ali que se aprende a ser travesti e se vive a transformação. A figura da cafetina é central no que se refere ao corpo e aos cuidados em saúde. Conheci várias delas que são também bombadeiras, e por isso respeitadas como pessoas que conhecem sobre cura, doença, beleza. Aliás, é isso é bem importante, para as travestis há uma estreita relação entre saúde e beleza, e da beleza com o sucesso na feminilização e desse sucesso com uma certa idéia de "cidadania". As cafetinas são também aquelas que precisam zelar pela saúde das "filhas", pois dependem do trabalho delas nas ruas. É nesta relação que fica patente que aquilo que as travestis entendem por "cuidados" não é o mesmo que o discurso oficial preventivo acredita. A casa pode ser tanto um espaço de aprendizado desses cuidados, de destensionamento do cotidiano da rua/noite, quanto um ambiente de tensão e rígidas cobranças que acabam por refletir na forma como a travesti vai lidar com a pista A fala de duas experiente travestis, sintetizam bem o que quero demonstrar:

---

[6] "*Fazer vício*" significa sair com homens desconhecidos sem cobrar. Essa expressão tem um sentido moral.
[7] Expressão comum no universo homossexual masculino para designar "mulher", numa alusão ao órgão sexual feminino.

Travesti 1: *vamos supor, eu moro na sua casa, eu tenho que prestar conta com você. Todo dia eu tenho que te pagar 20 real pra você. Eu vou pra noite com aquela preocupação: "poxa, primeiro eu tenho que fazer o da diária, senão, onde eu vou dormir"*

Travesti 2: *e você precisar do dinheiro pra pagar a diária, pra comer. Porque se eu tivesse que fazer isso (se prostituir), como eu tive que fazer antes, aí eu não podia me dar a esse luxo. Ia sem preservativo então, fazer o quê? Infelizmente não tem, os travesti que ficam na rua não tem essa opção de dizer "não, eu só vou com o preservativo". Porque ele tem que arcar com outras coisas.*

Viver em risco faz parte do cotidiano de muitas travestis que integraram essa pesquisa, sendo o HIV apenas mais um, e nem sempre o mais premente ou preocupante. Até mesmo porque, muitas vezes, para sobreviver é preciso mesmo se arriscar.

É esse cotidiano de tensões constantes que faz muitas de minhas entrevistadas detectarem em si sintomas de depressão. A depressão aparece em algumas falas identificada como doença, um sofrimento resultante do acúmulo de "pressão". Essa pressão acumulada gera a um quadro de depressão que encontra nas drogas uma espécie de destensionador. Nesse contexto a aids se torna um "detalhe" na vida da travesti, mas pode também se tornar um termo de acusação que macula moralmente e desvaloriza comercialmente a acusada.

Entre as travestis ser/estar "bela" associa-se ao "cuidar-se", categoria largamente usada e que remete não só a cuidados estéticos, mas também àqueles relativos à manutenção de um corpo considerado bonito porque, mesmo feminino, é forte. Corpo forte, cabeça forte, ou "ter cabeça". A cabeça forte também auxilia neste "cuidar-se", pois uma travesti "sem cabeça" faz uso abusivo de drogas, faz programas sem preservativo e se deixa envolver por homens que vão explorá-la. A "cabeça" é associada claramente à razão e ao controle de si, é assim, à resistência moral. Uma força que se externa na fisicalidade do corpo.

NA PELE, NO CORPO, NA ALMA

As travestis buscam materializar em seus corpos um gênero, investindo diariamente nessa transformação. No corpo de "homem" vão sendo inscritas "coisas de mulher", a partir de uma cuidadosa observação do feminino: bocas, olhares, movimento das mãos, jogos de cabelo, caminhadas sobre saltos. As referências são buscadas naquelas mulheres que são

prestigiadas pela mídia, que simbolizam o hiperfeminino, porque são divas do cinema ou do show *business*, isto é, mais do que mulheres, são "mulheríssimas" (Kulick. 1998). Travestis prestigiadas e "*belas*" também orientam essas escolhas.

Para operarem essas mudanças as travestis se valem de um aprendizado colhido na rua e na casa/pensão, como já apresentado. Normalmente este processo começa com intervenções epidérmicas, mas a marca da entrada no mundo travesti se dá com a ingestão de hormônios femininos. "*O hormônio é como o alimento do corpo*", explica uma travesti de 20 poucos anos, já bastante transformada pelas plásticas, bem como pelo uso sistemático de hormônios. Esta substância se confunde com qualidades atribuídas simbólica e fisiologicamente ao sangue. Quando "hormonizadas", as travestis passam a ter "no sangue" o feminino.

Se o hormônio é a feminilidade e o nervoso que confirmam os resultados da feminilização, o silicone é "a dor da beleza". O corpo feito, todo "quebrado na plástica" é o sonho de muitas. Todas as travestis parecem saber que se bombar é perigoso. Ainda assim, a maioria não abre mão dessa técnica de transformação do corpo. Bombar-se é entrar definitivamente no mundo das travestis e com ele compactuar. O resultado é instantâneo e ao contrário dos hormônios que levam no mínimo cinco semanas para começarem a agir, ao finalizar a sessão com a bombadeira a travesti tem "seu corpo". O desejo de se ver cada vez mais feminina, isto é, "bela", se sobrepõe aos receios em relação ao uso do silicone ou dos hormônios, pois se impõem como valor moral entre as travestis o "cuidar-se", que implica na busca permanente por padrões estéticos e comportamentais atribuídos à mulher.

Finalmente, a centralidade dos valores estéticos-morais na constituição da travestilidade esvazia a força de certas mensagens preventivas, sobretudo quando o discurso não se faz acompanhar de uma política que possa atender às demandas efetivas das travestis no que se refere à segurança, cidadania e saúde.

Mesmo diante desses fatos, brevemente apresentados, é inegável que há um esforço de acolhimento das travestis por parte de alguns setores do poder público, sobretudo da área da saúde. Porém, no que se refere especificamente à prevenção, esse novo espaço de diálogo tem apontado para um efeito perverso: o confinamento de travestis a unidades especializadas em DST/Aids. O que parece circunscrever seus problemas de saúde à questão das doenças sexualmente transmissíveis. Como interroga uma travesti ligada ao

movimento social: *"Se eu tiver uma dor de estômago faço o quê? Tomo duas camisinhas?"*.

Nesses nebulosos lugares de fronteira que são "a noite" e a rua, as travestis que se prostituem negociam formas de se fazerem visíveis, possíveis e respeitáveis. Quando os programas de prevenção as interpelam nesses ambientes, mais um dos tantos paradoxos que cercam suas vidas aparece: o que se oferece a elas como direito civil e humano virá estreitamente ligado à aids, mantendo-as como pessoas associadas à patologia e ao desvio. E mais, essa interpelação acaba por exigir que as travestis abdiquem de construir uma cultura própria, passando a se orientarem por valores que lhes são alheios.

No que se refere às demandas das travestis em relação à saúde, estas permanecem circunscritas às DST/Aids, quando elas também querem terapia hormonal, próteses cirúrgicas, exame de próstata, prevenção à calvície, cuidados profiláticos que as permitam serem "belas", isto é, femininas. Pois é no feminino que querem viver. E é essa feminilidade, acreditam muitas, que lhes trará também reconhecimento social.

Ao não reconhecer o desejo das travestis como algo ponderável, o projeto de cidadanização do modelo preventivo se esvai: sai o "c" e entra o "s". O que ser quer de fato é "SIDAdanizadas" [8]**,** numa alusão ao processo de cidadanização discutido por Luiz Fernando Duarte et al. Segundo esses autores, a "conversão" que este processo encerra pressupõe uma adesão a princípios tipicamente modernos como a "individualização" e "racionalização", que implicam mudanças ideológicas profundas entre as populações visadas. No caso da prevenção, especificamente, faz parte dessa conversão a "responsabilização" do sujeito no que se refere à saúde, a forma de lidar com o corpo e os vínculos que passaria, necessariamente, a ter com o sistema oficial preventivo.

Sidadanizá-las é parte de um processo que pretende criar uma bio-ascece. O que se daria por meio da promoção de "programas educativos" e "de conscientização política", que dizem respeito não somente à divulgação de informações sobre a doença, mas almejam a mudança de comportamento. Desta forma, o discurso da diversidade, tão presente nas falas de gestores públicos e da mídia, parece trabalhar não com a pluralidade, mas na

[8] Valho-me das discussões de Luiz Fernando Duarte et. al (1993) sobre a "cidadanização" entre camadas populares para traçar um paralelo entre o que estes autores chamaram de processo racionalizador e disciplinador de conversão à cidadania e as ações de intervenção do modelo oficial preventivo entre determinadas populações, com relevo para as travestis.

tentativa de homogeneizar as diferenças e criar bio-identidades, introjetando o controle e o auto-escrutínio, o que permite um sofisticado controle dos corpos, sem que este minucioso observar traga a resposta para a questão que iniciou estas reflexões: "o que vês, quando me vês?".

Bibliografia

BARREDA, Victoria, Virginia, ISNARDI & ARACÓN, Virginia. 2002. **"**Prevención y Travestismo: Género, Cuerpo e Identidad". **Infosida - Publicación de la Coordinación Sida del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires**. año 3, numero 3 – Julio.

BENEDETTI, Marcos. 2005. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro. Garamond Universitária.

DUARTE, Luiz Fernando D., BARSTED, L.L, TAULOIS, M.R & GARCIA, M. H. 1993. "Vicissitudes e Limites da Conversão à Cidadania nas Classes Populares". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 22 – ano 8, junho, pp. 05-19.

GOFFMAN, Erving**.** 1988. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora LTC.

KULICK, Don. 1998. **Travestis, sex, gender and culture, among brasilian transgendered prostitutes.** Chicago: The University of Chicago Press.

LOPES, Suzana Helena S. S. 1995. "Corpo, Metamorfose e Identidades – de Alan a Elisa Star"**.** In LEAL & ONDINA F. (Org.) **Corpo e Significado - Ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre. Editora da Universidade, pp. 227-233.

SILVA, Hélio R. 1993. **Travesti – A invenção do Feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ ISER.

SILVA, Marco Aurélio. **O Carnaval das Identidades: homossexualidade e liminaridade na Ilha de Santa Catarina.** http://www.antropologia.com.br/arti/arti_ant.html, edição 22. Consulta em 23/01/2006.

MISKOLCI, Richard. "Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay". **cadernos pagu**, v.28. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, 2007, pp. 101-128.